

155

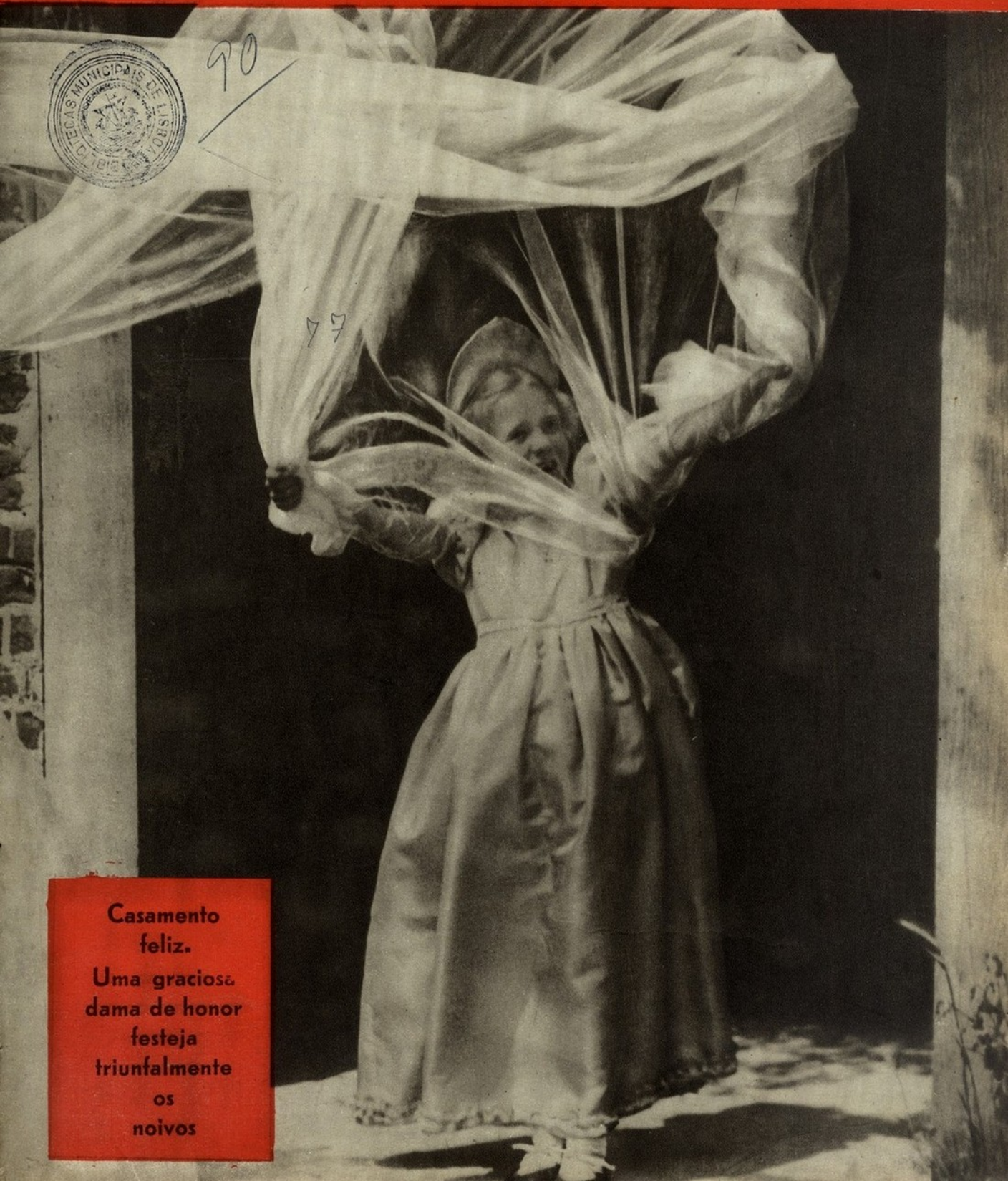
MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL
= JUL 1944



90

77



**Casamento
feliz.
Uma graciosa
dama de honor
festeja
triunfalmente
os
noivos**



CONTRA-LUZ

SALTEI

COM OS PRIMEIROS DEZ PARAQUEDISTAS

Base de Planadores da R. A. F.
Noite de segunda-feira, 5 de Junho.
— Todos os soldados daqui, esta noite, escrevem as suas cartas de despedida. Empacotam as suas malas de mão, trocam o seu dinheiro em francos franceses e preparam-se para a gigantesca invasão.

Daqui a menos de duas horas, entraremos no dia «D.»

O primeiro papel a desempenhar caberá às tropas aero-transportadas e à R. A. F.

Neste momento, os alemães estão a escutar a nossa rádio. Programas habituais da B. B. C., intercalados de comentários sugestivos sobre a queda de Roma, e um intencional noticiário dos bombardeamentos da R. A. F. para eles imaginarem que se trata de uma noite vulgar.

Daqui a uns minutos a R. A. F. — quasi ausente dos céus de Dunquerque — estará a caminho da Europa, com as primeiras tropas de invasão.

Há uma semana que conhecemos os alvos a serem atingidos e onde deverão saltar os nossos paraquedistas, no dia «D». Estudámo-los com o auxílio de filmes, mapas e maquettes.

Conhecíamos a situação e mais pormenores das aldeias da região da testa de ponte, algumas delas inteiramente ignoradas do grande público. Sabíamos onde passavam os rios,



Soldados ingleses, em França, distribuindo viveres à população

onde havia canais, pontes, herdades e pomares.

Tinhamos conhecimento disso tudo mas ignorávamos o essencial: o dia «D.»

E eis que, hoje, o comandante do grupo sobe à plataforma da sala de reunião e, diante de um grande mapa, onde estavam marcadas as zonas que devíamos atacar, lê a mensagem do general Eisenhower:

«Estais prestes a embarcar para a grande cruzada que temos andado a preparar durante meses».

A notícia teve o efeito de uma bomba.

Esta noite! Quanto antes; agora mesmo! Tenho que correr para a torre de observação do «G» de «George», afim de me reunir à tripulação. O «G» de «George» lançará os dez primeiros paraquedistas da grande armada aérea.

No momento preciso, os homens saltarão de paraquedas e aterrarão a três milhas da costa normanda. Centenas de outros os seguirão; depois entrarão em cena os planadores e serão então milhares de soldados das Nações Unidas a lutar em solo francês.

Finalmente, a marinha desembarcará centenas de milhares de homens, exércitos inteiros, que esmagarão os nazis.

Mas estes que seguem no «G» de «George» são os primeiros — os dez primeiros!

Eis os seus nomes pela ordem em que saltarão do avião: tenente Robert de Latour, 1.º cabo Frank Glen, cabo O'Mahoney, cabo Harry Deakin, cabo Ginger Hardwick, cabo Tom Bradley, cabo Dick Brooker, cabo Harry Brown, cabo Mike Mideson, sargento Rob Ramage.



Os paraquedistas tiveram papel primacial na invasão da Europa. Ei-los num grande planador, já sobre território francês, no qual, momentos depois, desciam apoderando-se de pontos essenciais para a penetração das forças das Nações Unidas na Normandia

HUMORISMO DE GUERRA

A Linha Gustavo

Pode haver várias razões por que se veio a chamar Gustavo à linha da Itália. O nome cristão de Gustavo é popular no exército nazi. Deriva de uma palavra germânica com que se designa uma vara de madeira utilizada na luta. Mas, a origem mais provável da Linha Gustavo está no nome de um velho cocheiro de Berlim. Muito antes de Hitler subir ao poder, este velho cocheiro, Gustav Hartmann, recusou-se a separar-se do seu cavalo.

Para demonstrar quão útil era um coche puxado a cavalo, e a força deste, apusado de velho, partiu para Paris e regressou. Ao entrar em Berlim, foi alvo de uma grande manifestação de milhares de pessoas alinhadas na Avenida dos Limoeiros. Para elas, o herói era o «Gustavo de Ferro». E este epíteto passou a ser atribuído a todo o homem que defende o que lhe pertence, sem nunca ceder.

O seu poder tornou-se um símbolo nacional. Hans Fallada escreveu uma novela intitulada «Gustavo de Ferro».

Mas o comunicado da noite de 18 de Maio destruiu a lenda... «A Linha Gustavo, ao sul dos Apeninos, deixou de existir».

(News Chronicle, Londres)

O Céu pode esperar

Numa certa igreja, parcialmente destruída pela guerra, estava em obras de reconstrução um grande arco por cima do qual se liam estas palavras: «Esta é a Porta do Céu».

Emquanto a pintura estava ainda fresca, foi colocado, ao lado, este aviso: «E' favor seguir por outro lado».

(The Schoolmaster)

UM DIA ESTRAGADO POR CAUSA DO ESTÔMAGO



—Perdido o Domingo a chorar, a discutir com o António a propósito de tudo e de nada — escreve ela à amiga. Mas o médico e amigo do casal disse-lhe que o mau humor do marido tinha por causadora a má digestão: — Uma pequena colher de Magnésia Bisurada no fim das refeições e logo volta o bom humor. Ficou radiante. Já há mais tempo que deviam ter pensado na Magnésia Bisurada! A venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

UM PALMO DE TERRA!...

por
Artur Portela

DAQUELE palmo de terra, conquistada, duramente, numa madrugada de Junho, dependia, afinal, a sorte da Europa! Bem pequeno êle era, então, na grandeza do velho continente, e indeciso, vago, quão distante nos anos que passaram.

Hoje, porém, tudo se transformou. Vale já algumas centenas de milhar de quilómetros, e a sua área, esburacada pela metralha, não cessa de crescer, de se ampliar, de se projectar sobre a França — numa «frente» de libertação e de redenção.

Os soldados das Nações Unidas desembarcaram a peito descoberto: caíram do céu, no meio da noite, em território erizado de perigos, os paraquedistas; e os primeiros fortins e defesas foram empolgados ou dominados à ponta de baioneta. Isto significa que não foi a couraça, nem a muralha, nem a granada, que decidiram da primeira batalha, mas a bravura singular do soldado inglês e americano, com todos os seus recursos de audácia e de imaginação. Em condições desiguais, num terreno ingrato, repleto de mistérios e de surpresas e contra poderosas fortificações, soube lutar e impôr-se — apenas pelo valor humano e quando ainda não era uma expressão numérica. Nunca mais as lagartas dos tanks, que vieram depois, deixaram de avançar em território francês — direitas aos objectivos. Se o aço e o beton foram vencidos, porque não o seriam os homens que os serviam?

De tudo quanto nesta guerra se tem passado, o facto mais transcendente foi, inegavelmente, o desembarque. A luta posterior tem, quanto a nós, menor importância, porque depende da superioridade táctica, do poder de concentração de fogo e do quantitativo do material — e êsses estão, largamente, poderosamente, assegurados.

A realização desse feito histórico, de repercussões capitais, era por muitos negado, declarando-se, estultamente, que nem seis horas os libertadores se aguentariam em solo francês.

E, agora, o que dizem os senhores de Berlim? E' facto que, no capítulo dessas «verdades», tivemos a derrota matemática na frente leste, a conquista de Estalinegrado, a ocupação do Egipto, a inexpugnabilidade da linha Mareth; as portas de aço de Itália — e, sobretudo, que nenhuma bomba caíria sobre o Reich!

A batalha no norte da França prossegue, mas Churchill, tão severo nos seus prognósticos militares — já prevê o fim da guerra na Europa. A conquista de Cherburgo representa a invasão coordenada e ampliada, ganhando extensão, com o seu caudal de homens e metralha, num movimento irrestível!

Haverá outros desembarques? Sem dúvida, porque a aglutinação das reservas alemãs, na Normandia, já largamente desfalcadas pelo poder do adversário, enfraqueceu, gravemente, a resistência na periferia continental. Está ali o grosso das forças nazis e não o está o das Nações Unidas. A iniciativa da manobra pertence, pois, às últimas duma forma categórica em mil pontos diferentes, que nem sequer têm dificuldade de escolha. O que se passou no Norte da França repetir-se-á na costa de qualquer país ocupado.

Mas atenção à Itália! O que está decorrendo, na península é duma importância fundamental. O avanço de Alexander tem sido duma rapidez fulgurante. Depois de Roma, a luta tomou o aspecto duma pura perseguição tenaz e martelante, às forças alemãs. Ontem foi Perugia, amanhã Florença e, dentro dum mês, os anglo-americanos estarão no vale do Pó, portanto a sueste da França, cujas montanhas fronteiriças se encontram na posse dos maquis. E' outra frente que se abre naquele país, em cujo vale do Rodono se dará, talvez, a última batalha que restaurará a paz e a independência do velho continente.

Para alguma coisa valeu aquele palmo de terra! Sendo tão êsses, nunca foram tão grandes as suas conseqüências!



O general Omar Bradley, que comandou o vitorioso ataque contra Cherburgo

Brinde à civilização

Um coronel estava a discursar num jantar que lhe fora oferecido em homenagem, antes de embarcar para África.

— Extremamente agradecido — concluiu — pela vossa gentileza para comigo, e quero sublinhar que quando estiver longe de vós, cercado de Selvagens, me hei-de lembrar sempre de todos.

(Phoenix Flame)

Diálogo de família

A sogra para o genro:
— Acreditas que os alemães ganhem esta guerra?
Ele, solcito:

— Mamã, não seja supersticiosa.

(Ray Nazare)

Uma de Bob Hope

Dizia o galã-cômico aos seus amigos: «Ando bastante preocupado com a minha carreira, porque o número de palmadinhas que os meus produtores me dão nas costas está a diminuir assustadoramente».

(Leonard Lyons)

Epitáfio de Dorothy Parker

«Defendei-vos do meu pó».

(Courier)



...aqui

AMÉRICA



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS	ESTAÇÕES	ONDAS
12.45	WRUS	30,9	WRUA	25,4	WKLJ	30,8		
13.45	WRUS	19,8	WRUA	19,8	WGEO	19,56		
14.45	WRUS	25,5	WRUA	25,5	WRUW	25,5	WBOS	19,7
17.45	WRUS	19,5	WRUA	19,5	WRUL	19,5		
18.45	WRUS	19,5	WRUA	19,5	WRUL	19,5		
19.45	WRUS	19,5	WRUA	26,9				
20.45	WRUS	25,3	WRUA	25,3	WGEA	25,3	WGEX	25,4
a	(Meia hora de programa especial)							
21.15								
21.45	WRUS	25,3	WRUA	25,3	WGEO	19,5	WGEX	25,4
22.45	WRUS	25,5	WRUA	39,6	WRUL	25,5	WKLJ	30,8
23.45	WRUS	25,5	WRUA	39,6	WKLJ	30,8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 19 e 45 às 20 horas.

Emissões diárias

OIÇA a VOZ da

AMÉRICA em MARCHA

REFLEXOS DO MUNDO



As três estrêlas

Jules Le Terrier, camponês normando durante quatro anos, como tantos outros, aguardava o dia «D». Para esse fim reservava uma garrafa de conhaque dos bons tempos, daquelas que têm o rótulo de três estrêlas.

Essa garrafa fê-lo ir parar a Inglaterra entre centenas de feridos, logo na primeira leva. O caso decorreu assim:

Ao ser acordado pelo bombardeamento aliado no dia 6 de Junho, nem por um momento duvidou que se tratasse da invasão. Levantou-se à pressa, vestiu-se sumariamente e foi para o jardim onde enterrara a garrafa. Logo que divisou no horizonte os vultos dos soldados ingleses, abriu a garrafa, fazendo sucessi-

Foram os paraquedistas ingleses que, decisivamente, contribuíram para o bom êxito do desembarque em França



★ A ALEGRIA DE ROMA ★

Flores, bandeiras, palmas, sorrisos, numa apoteose de alegria, eis como a Cidade Eterna recebeu os soldados anglo-americanos

vos brindes. A certa altura começou a cantar a plenos pulmões tôdas as marchas que aprendera na outra guerra. Os

Jules, voluptuosamente reclinado nos braços de Morfeu.

Chegaram os soldados britânicos que o viram. Pegaram nele e enviaram-no para Inglaterra. No meio do Canal da Mancha acordou sem ter visto, nem ouvido, a maior façanha deste século.

Os acasos da guerra

Herbert Sather, soldado paraquedista americano, embora não conte mais de 23 anos, pode considerar-se um veterano desta guerra.

Lutou no Norte de África, depois na Sicília e em Anzio. Desde que os americanos entraram em acção com os desembarques no Norte de África, nunca mais Herbert Sather deixou de estar no activo, na primeira fila dos combatentes.

Foi um dos que saltaram agora nas praias da Normandia. Saltou ou, antes, aterrou com o seu paraquedas.

Muitas vezes, em poucas horas, arriscou a vida. Só por milagre escapou. Mas nunca foi ferido. As balas e granadas pareciam respeitar a sua mocidade ardente.

Agora, porém, recolheu ao

hospital ferido por uma vaca tresmalhada. Herbert Sather achava-se numa vala, vigiando os movimentos do inimigo, quando uma vaca, espavorida pelo bombardeamento, veio por ali fora, caindo em cima do soldado, que correu em todos os campos de batalha sem a mais leve beliscadura!



Os soldados britânicos fraternizando com as crianças francesas. Dois amigos para o resto da vida

alemães ocupados com outras coisas nem lhe prestaram atenção.

Jules Le Terrier fez ainda mais umas libações até esgotar o precioso líquido. A cantar foi até à praia, caindo ali profundamente adormecido, sem que o violento combate que se travava à sua volta o acordasse.

Os alemães retiram. As bombas explodiam à volta de Mr.



Os soldados americanos que conquistaram Cherburgo

VINHO DO PÔRTO

“GRAHAM”

DA FIRMA

G.^{me} & João Graham & C.^a

DE

VILA NOVA DE GAIA



Agentes em Portugal e Colónias:

Guilherme, Graham, Inr. & C.^a

Rua dos Fanqueiros, 7 } Rua dos Clérigos, 6
LISBOA } PÔRTO
Tel. 20066/9 } Tel. 880/1



O SOLDADO INGLÊS ★

É ele a figura da semana, onde quer que se encontre, nas fileiras duma divisão de infantaria ou na torre dum tank, no convés dum navio ou na carlinga dum avião, manobrando uma peça de artilharia ou utilizando um paraquedas. Porque ninguém como ele se adaptou às exigências da guerra, que não queria fazer e que procurou, através de tudo, evitar.

Esteve em Dunkerque e esteve em Creta, correu em auxílio da Grécia ultrajada como correu em socorro da Noruega invadida, conheceu em Narvique as tempestades de neve e conheceu em Tobruk as tempestades de areia, subiu nas asas gloriosas da R. A. F. e destruiu a lenda da invencibilidade do inimigo e desceu às profundidades oceânicas para evitar que ele se reabastecesse e prosseguisse na realização da sua tarefa, enfrentou com a mesma decisão um adversário temeroso em Alamein e em Singapura. Vencedor ou vencido a sua coragem manteve-se inabalável e as suas intenções foram sem mácula.

A planície fértil que circunda Roma e as praias cheias de sol da Normândia acabam de o conhecer e de o admirar na sua heróica resolução de terminar de uma vez para sempre, com o pesadelo da guerra. Era ele que estava ainda nas barcas de invasão, nos barcos de guerra que apotaram o desembarque, nos bombardeiros que abriram o caminho às forças da libertação. Era ele o soldado, o marinheiro, o aviador, o paraquedista audacioso que desceu na terra cheia de emboscadas, não na terra onde podia surpreender a população pacífica e inermes, mas na terra semeada de obstáculos preparados pelo inimigo.

CRÓNICA INTERNACIONAL

TRÊS GRANDES BATALHAS

SÃO soldados, marinheiros e aviadores ingleses que suportam o peso principal das três grandes batalhas em curso, que decidirão do termo desta guerra. São civis ingleses que suportam o peso principal das represálias do inimigo. Todos o fazem sem exteriorizar a dureza dos sacrifícios concedidos durante quase cinco anos de luta incessante, e sem vanglória pelo papel preponderante que o destino lhes reservou.

Ao fim de quasi cinco anos, a Grã-Bretanha toma uma parte capital nas batalhas que se travam no Ocidente e no sul da Europa e na batalha, não menos importante, que se estende a todos os recantos do céu, entre a Mancha e a fronteira russa. Contam-se por milhões os subditos britânicos que, vindos da metrópole ou do Império, sacrificam diariamente os benefícios duma paz cómoda em nome dos princípios superiores que tornam a vida digna de ser vivida.

Não os anima qualquer desejo de conquista. Não se lançam ao combate para satisfação de qualquer ambição material. Eram cidadãos pacíficos, desejando apenas que os deixassem prosseguir a sua existência laboriosa.

Vejam, entretanto, o que eles fazem neste momento para que hora da vitória não tarde e para que o mundo conheça de novo a regra imperativa dos factores morais nas suas relações e o cumprimento da palavra dada volte a ser norma da vida internacional.

Em 6 de Junho, os soldados britânicos desembarcaram na Normandia para libertar a França, vencida há quatro anos. Ainda não conheceram um instante de repouso. A Armada Real proporcionou esse desembarque. Os seus canhões ganharam a batalha das praias, primeira fase da batalha da França. A R. A. F. abriu o caminho que permitiu aos «tommys» baterem-se com armas iguais contra os seus inimigos. Muitos desses combatentes do exército, da marinha e da aviação tombaram no cumprimento do seu dever. Ninguém duvida da sua vitória. Há quasi um mês que os ingleses desembarcaram em França. O mundo sabe que só sairão de lá vitoriosos.

Há dez meses que os soldados britânicos se batem em Itália. Conheceram as contrariedades antes de alcançarem o solo italiano. Uma vez fixados nêle, era certo que a sua missão seria cumprida. Depois da destruição dos poderosos sistemas fortificados que o inimigo construiu ao sul de Roma, a Cidade Eterna caiu em poder dos Aliados. Vinte divisões alemãs batem em retirada.

E há quatro anos que os aviadores ingleses martelam os centros de produção do inimigo, atingem as suas vias de comunicação e retribuem com juro os golpes recebidos. Desde a primavera de 1942 a R. A. F. tornou-se a melhor força aérea, pela qualidade dos aparelhos, pela bravura dos tripulantes. É ela que todas as noites encurta o fim da luta, travando já audaciosamente a batalha da Alemanha, a última batalha desta guerra.

Há dias a população britânica voltou a sentir o peso das represálias. Os mesmos homens, as mesmas mulheres, as mesmas crianças que suportam os horrores da «blitz», e viram as cidades coentrisadas não podem deixar de sorrir perante esta nova provação que é o sintoma claro de que a guerra se aproxima do fim.

○ OBSERVADOR

A luta no Pacífico

A primeira vez que o Japão mostrou com aparato a sua esquadra, pretendendo cortar o avanço vitorioso dos americanos, no Pacífico, o combate converteu-se num golpe esmagador para as suas forças. O Japão, que se lançou em má hora nesta guerra, deve saborear agora o travesseiro amargo da derrota que se acentua.

Sucesivamente, os territórios que invadiu vão sendo libertados. Dir-se-ia uma operação algébrica de resultados certos — cujas parcelas são a valentia e o poderio dos Estados Unidos. Batidos no mar, em terra e no ar, os nipônicos pagam, afinal, as crueldades que cometeram e as ambições insensatas que acalentavam.

Conas de guerra

O capitão-aviador Gordon Benjamin Lipawsky, da Força Aérea Sul-Africana, foi condecorado com a Cruz de Vãos Distintos pelo seu arrojado e pericla demonstrados durante um combate aéreo no Norte da França.

Enquanto lutava com os caças inimigos, viu um dos seus camaradas ser projectado do avião e cair à rectaguarda das linhas alemãs. Terminado o combate, o capitão Lipawsky aterrou no local em que vira cair o camarada, recolheu-o, ocupando os dois um só lugar, e com ele regressou à base.

'PRONTO'
Sempre presente
EM TODA A
COMPETIÇÃO
DESPORTIVA!



PRONTO WATCH Co.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L^o

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa do Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O "D"



A libertação da França. As testas de ponte converteram-se numa freixo consolidada. Para o campo de batalha marcham, incessantemente, homens e material!



Motociclistas ingleses ocuparam rapidamente esta estrada e, abrigados atrás dos seus veículos, repelem o inimigo, vigorosamente



A infantaria britânica à carga, numa aldeia francesa. Foi assim que se tomaram, rapidamente, estas e muitas outras povoações



A libertação da Europa. Oficiais alemães feitos prisioneiros em França

OS preparativos estavam há muito feitos. A notícia da tomada de Roma veio no domingo. Era, praticamente, o fim da campanha da Itália. Numa reunião realizada no quartel general de Eisenhower, foi decidido que a madrugada seguinte seria a madrugada da invasão. As ordens transmitidas nesse sentido foram imediatamente executadas. O entusiasmo, entre as tropas, era delirante. À noite, uma decisão inesperada anunciava que, em virtude do estado do tempo, a invasão seria adiada mas apenas por vinte e quatro horas.

Entretanto, a aviação realizava os seus últimos raids, raids esmagadores contra

o sistema de comunicações do inimigo e as fortificações costeiras. A noite de domingo para segunda-feira foi infernal. Mil aparelhos da R. A. F. atacaram, furiosamente, os aeródromos e os caminhos de ferro do Norte da França. Mal estes tinham regressado às suas bases, mil aparelhos americanos, "Liberadores" e "Fortalesas" lançaram durante todo o dia de segunda-feira toneladas de Explosivos sobre o litoral. Nas horas que precederam o desembarque, novas vagas de bombardeiros ingleses mostraram, ainda uma vez, a importância da sua acção. O inimigo não podia ter dúvidas de que a hora decisiva se aproximava vertiginosamente.

O dia "D" seria o dia 6 de Junho de 1944. O conjunto das operações preliminares, previstas entre a meia noite e as seis da madrugada, hora "H", incluía quatro fases sucessivas: descida de paraquedistas e de tropas aero-transportadas na retaguarda do inimigo; bombardeamento aéreo das praias onde o desembarque devia efectuar-se; bombardeamento naval da costa; ataque decisivo da aviação americana antes de se iniciarem os desembarques.

Enquanto a armada gigantesca de quatro mil navios de transporte, escoltados e protegidos por seiscentas unidades das marinhas de guerra britânica e americana,



A invasão foi um êxito total. Os alemães não conseguiram deter, nem no mar nem em terra, o grande exército anglo-americano que, numa operação única nos anais da guerra moderna, desembarcou, vitoriosamente, esmagando a decantada muralha do Atlântico



Um aspecto da luta numa das aldeias da França. As tropas inglesas infiltram-se entre as ruínas e batem o inimigo em todos os pontos

deixava lentamente os portos da ilha e se dirigia para o continente, os soldados embarcados podiam ver claramente as nuvens de aviões de transporte que passavam rapidamente sobre as suas cabeças e mergulhavam na profundidade da noite. Em todos os navios a ordem do dia do general Eisenhower foi lida no meio dum silêncio religioso. "Boa sorte para todos. A protecção divina não nos faltará decerto para a realização duma tão nobre empreza!" Eram as suas últimas palavras.

A travessia do canal fez-se numa ordem perfeita. Cada homem sabia o papel que lhe cumpria desempenhar. Não faltava nenhuma peça de material ou de equipamento. Onze mil aviões, de todos os tipos, do planador ao bombardeiro, cooperavam na acção. À medida que a armada se aproximava da costa, todos tinham a noção exacta da gravidade do momento. Com os primeiros clarões da madrugada tornou-se evidente que a costa da Normandia, entre o Havre e Cherburgo, havia sido o local escolhido.

As 5 e 36 a esquadra abriu fogo contra a costa. Foi a artilharia dos cruzadores que teve a honra de iniciar a tarefa. Dez minutos depois as peças de

(Continua na pág. 29)



Os baluartes da fortaleza europeia foram reduzidos a escombros pelos potentes canhões da esquadra anglo-americana.

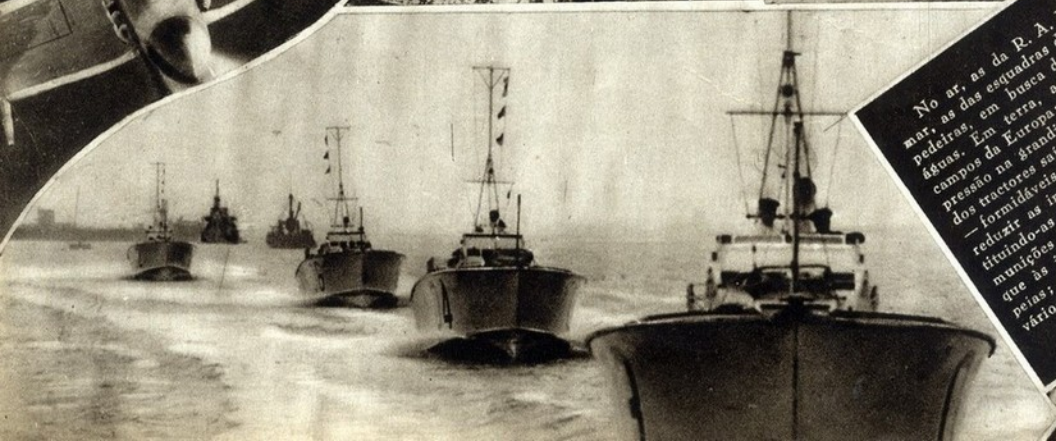
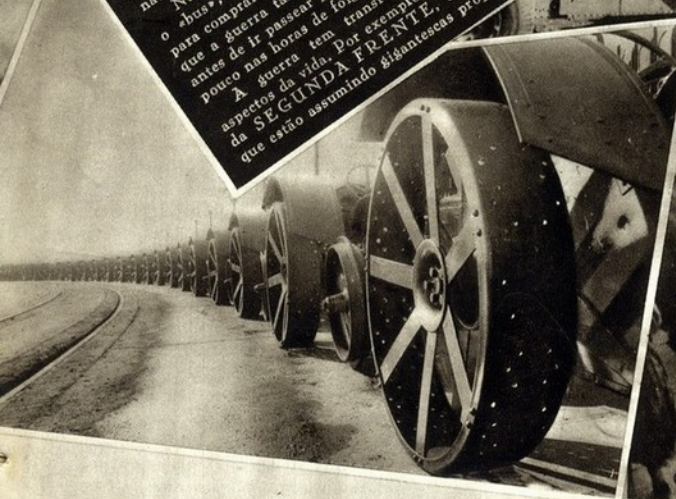
Os valentes *comandos* ingleses, os homens mais «duros» desta guerra, numa aldeia da Normandia, recentemente conquistada

AS BICHAS

por Fernando Pessoa

Na Grã-Bretanha, onde a fúria dos justos é mais forte do que a força dos injustos, e onde cada um procura gozar dos seus direitos sem prejudicar os do vizinho, as «bichas» tornaram-se, como era natural, numa autêntica instituição nacional. Na Inglaterra, há «bichas» para tudo; para tomar o «bus»; para tomar o «bistrot»; a brilhantina, ou o perfume; para a guerra tanto fez casacas; para ir ao cinema; que a guerra tanto fez casacas; para ir ao cinema; antes de ir passear pelos parques; e até para nadar um pouco nas horas de folga.

A guerra tem transformado, hastante, todos os aspectos da vida. Por exemplo, nas vésperas da abertura da SEGUNDA FRENTE, criou novas «bichas» que estão assumindo gigantescas proporções:



No ar, as da R. A. F. a caminho da Europa. No mar, as das esquadras de batalha e as das lanças-torpedeiras. Em terra, as dos canhões nas mais treiticeiras pedreiras. Em busca do inimigo nas mais treiticeiras pedreiras. Em terra, as dos canhões que trouxeram já nos campos da Europa, as do carvão, com que se aumenta a pressão na grandiosa máquina de guerra britânica; as dos tratores sardos das fábricas de guerra britânica; as — formidáveis dispenses dum País que se viu forçado a reduzir as importações de gêneros alimentícios, substituídas pelo infimo caudal de tropas, armas e munições vindas do Novo-Mundo; as dos «tanks» que às infantarias abriram caminho nas praias europeias; as dos contingentes de paraquedistas, que em vários aeródromos faziam o ensaio geral para a grande

(Continua na pág. 30)



AVANÇO IRRESISTIVEL



A campanha de Itália é uma das mais brilhantes de todos os tempos. Antes de estalar o conflito, diziam os estrategistas que a sorte da Europa se decidiria no norte de África. Em parte, os acontecimentos deram-lhes razão. Foi a marcha gloriosa do 8.º Exército da fronteira do Egípto até Tunis, que permitiu determinar a Alexander, a Montgomery e a Clark, a sorte da Itália, arrancando-a à sujeição do Reich e, abrindo agora, novas possibilidades dum teatro de guerra no bloco continental, quando as forças das Nações Unidas atingirem o norte da Península.

Pode afirmar-se que essa campanha foi a pedra bazilar do desenvolvimento ulterior das operações na Europa.

O sincronismo da tomada de Roma com a gigantesca operação anfíbia, na Normandia — um dia depois — é um facto a registar, e dêle se pode tirar como ilação, houve entre os dois acontecimentos uma coordenação estratégica.

A conquista da Cidade Eterna teve não, apenas, repercussões militares, mas políticas.



O avanço sobre Roma foi irresistível. Os alemães entrincheiraram-se nas vilas e cidades, mas foram sempre batidos

Entre nuvens de fumo e de metralha, por meio de ruínas, através de campos de minas, os exércitos de Alexander libertaram a Cidade Eterna



Os soldados britânicos passando busca a uma casa, onde os alemães deixaram este tank

← Trofeu de guerra. Soldados ingleses com a bandeira nazi



Pio XII recebeu no Vaticano os jornalistas ingleses, aos quais dirigiu uma alocução

A VOZ DO PAPA

PIO XII, que se conservou sempre na Cidade do Vaticano, enquanto os alemães estiveram em Roma, pouco depois das forças das Nações Unidas ali terem entrado, deu um significativo passeio através das ruas da Cidade Eterna. O

povo que, logo a seguir às primeiras horas da libertação, encheu a praça de S. Pedro para o aclamar, viu com satisfação a nobre sombra branca quebrar o seu isolamento, gesto que foi compreendido.

O Papa recebeu os correspondentes de guerra, oferecendo a cada um deles um crucifixo e um retrato.

DAQUI FALAVA MUSSOLINI

ESTE era o famoso balcão de onde o ditador costumava falar. Dali pronunciou exaltados discursos, nomeadamente aquêle em que declarou guerra à França, depois dela estar vencida. Nesta janela emudecida, debruçam-se, com interesse, alguns oficiais ingleses, e tudo voltou à normalidade sem que o trânsito da praça seja interrompido. "Sic transit gloria mundi."



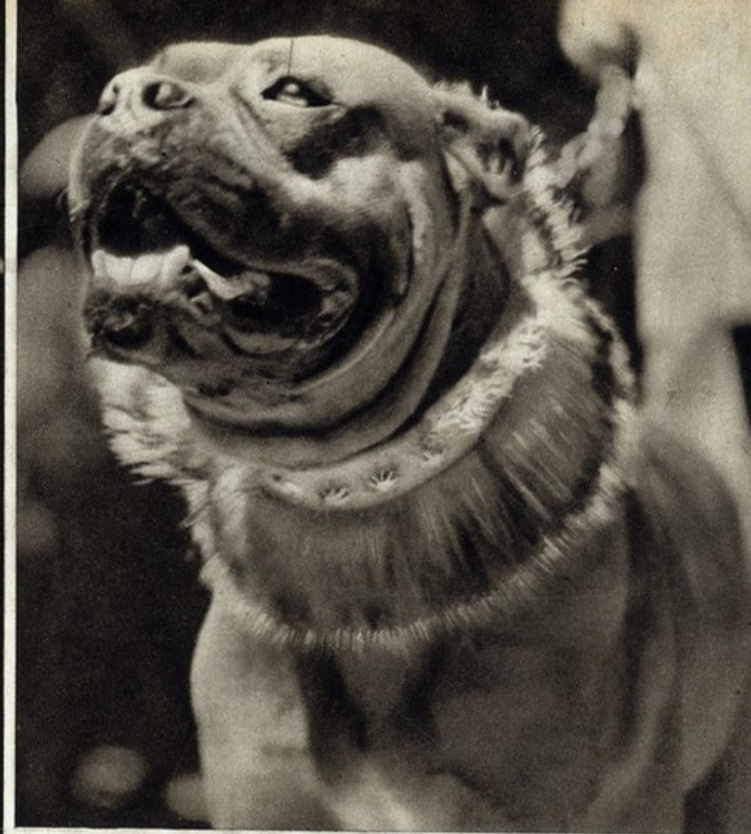
Sua Santidade falando aos representantes dos grandes órgãos de Imprensa britânica



DE GAULLE EM FRANÇA



O chefe dos franceses livres foi recebido calorosamente em França. Ei-lo nas ruas de Bayeux, entre as aclamações do povo



O «boxer», raça francesa que se não deve confundir com a do «bull-dog» britânico, apesar-de semelhança



O que se chama um animal de raça bem estimado



Um corpulento «boxer» que o júri devidamente apreciou

PARADA CANINA

O «pêlo de arame» é o cão da moda. A dona mostra este com orgulho, convencida de que obterá um dos primeiros prémios



Um belo exemplar de «Terra Nova», animal resistente que, acostumado ao frio, parece não se dar muito bem com o calor lisboeta



A Sr.^a D. Maria Gabriela Burguete Saboya, com um lindo «griffon-bruxellois» que teve um prémio de honra, o primeiro em categoria de raça e de beleza

OS cães, como os seres humanos, dividem-se em várias raças, povos, géneros, famílias, condições e situações. Têm hoje um respeitável valor social. Há o cão rude, vigoroso, rápido como uma flecha e heróico até ao sacrifício, que tem por habitat o campo, a montanha ou o mato e há também o cão cidadão, elegante, com pedigree, de boas famílias, digamos, que mostra com orgulho a genuinidade do seu sangue e o marfim dentífrico e acurado dos colmilhos. Se o primeiro é imprescindível ao homem, ajudando-o na caça, na pesca a defender-se das feras e lhe guarda a casa, — cêrbero atalaia o inferno! — pupilas devassando as estrelas da noite, na poeira dos séculos; o segundo, embora faustoso e luxuoso, requintado e mais feliz, já seguro pela trela dum tratador bem estilado, já à portinhola de um automóvel aerodinâmico, se não constituindo elemento decorativo num ambiente mundano, tem igualmente a sua função, a sua utilidade, o seu papel social. São os moralistas do século, as últimas abencerragens da arte de bem conviver e até mesmo de pensar. À nossa alma para os cães não tem segredos. O que a filosofia procura traduzir de nós, há muito que eles o sabem pelo instinto puro e generoso de esplendida verdade.

Se não existissem os cães, os indivíduos não seriam piores? É que a sua ternura, a sua abnegação, a sua alegria, a sua bondade, dão-nos, constantemente, exemplos admiráveis de inteligência e de simpatia pelo género humano. Um cão — não se distingue de outro cão. Um «poetea», puro *dog-street*, vagabundo de rondas boémias, que não tem coleira, nem paga imposto, vale tanto como outro, dum raça milionária, com dieta especial, que blasona o seu grande nome exótico ou principesco. Simplesmente, a beleza, o apurado das formas, a origem, a raça, a qualidade do pêlo, etc., são infinitamente variáveis. O instinto — quasi consciência humanizada — esse, não! Não vale a pena exaltar o valeroso animal, podengo que atravessa os campos de batalha, para socorrer um soldado que caiu ferido, nem o humilde rafeiro que abre, com os olhos vigilantes, o caminho das trevas aos que não vêem! Ambos cumprem o seu dever, sujeitos como nós, a todas as ingratidões.

Lisboa mostrou os seus mais lindos exemplares na última exposição que se realizou no Jardim Zoológico. Foi uma parada de importância e de elegância, a que não faltámos como cronistas — mesmo sem cão!



Um exemplar precioso de «esquimó», o único que, parece, existe em Lisboa



Churchill visita o campo de batalha da Normandia, onde os soldados o ovacionaram delirantemente, acompanhado do marechal Smuts e dos generais Montgomery e Alan Brooke. O Primeiro ministro foi até às primeiras linhas, desprezando o perigo e ei-lo, neste momento, assistindo a um combate aéreo



A caminho de Cherburgo. As tropas americanas derrotaram os alemães em sucessivas batalhas, terminando com a resistência na extremidade da península

EPISÓDIOS DA INVASÃO

DE todas as formações que tomaram parte destacada na invasão do continente, nenhuma adquiriu, até agora, tão justa celebridade como a 6.ª divisão de paraquedistas e tropas aerotransportadas, à qual coube a tarefa ingrata de preparar o terreno para que o desembarque se realizasse com pleno êxito. Muito ouviremos falar ainda dela, das suas proezas e dos seus chefes, o vice-marechal do Ar Hollinghurst e o tenente-general Frederik Brown. São dois nomes que alcançaram rapidamente uma fama invejável, graças à sua competência profissional e às proezas incríveis dos seus subordinados.

Os homens da 6.ª divisão eram todos voluntários, recrutados entre a população da Inglaterra, da Escócia, do País de Gales, da Irlanda e do Canadá. Foram cuidadosamente agrupados pela sua origem e sujeitos a um treino que incluiu, além da sua preparação especializada, uma formação moral inquebrantável e o conhecimento perfeito de línguas e de noções aprofundadas da ciência indispensáveis ao cumprimento integral da sua missão. Foram eles os primeiros a ser transportados para a Normandia.

Quando iniciaram a luta, em terra, tinham ao seu lado o tenente-general Browning, que foi um dos mais bravos combatentes na primeira fase das operações, aquela de cujo êxito tudo dependia. Ao começarem a sua preparação, muitos dos voluntários da 6.ª divisão nunca tinham tomado lugar num avião nem tinham visto um paraquedas. Ao fim dum ano de trabalho, conquistaram a glória de serem considerados o melhor corpo de especialistas, combatentes duros e invencíveis, e técnicos de primeira ordem que souberam iludir todas as precauções do inimigo e vencer todas as dificuldades que este pretendeu opôr-lhes.



Um aspecto da cidade francesa de Isigny, na qual os alemães resistiram. A artilharia e a R. A. F. abriram passagem através da cidade e ela foi rapidamente conquistada

DESEMBARQUE VITORIOSO



Uma vila da França conquistada com bravura pelas forças inglesas



Este muro de concreto armado, que fazia parte das fortificações alemãs, foi destruído. Patrulhas americanas exploram a terra de ninguém



Na hora «H» do dia «D». As primeiras tropas chegam a terra, abrigando-se do fogo do inimigo



O gigantesco desembarque. As primeiras peças que foram transportadas para terra



Nesta região, têm-se travado duros combates. Esta é a estrada que conduz a Caen, onde os britânicos se têm batido com extraordinária valentia



Estes obstáculos anti-carros, que os alemães implantaram nas praias da Normandia, de nada lhes serviram. A operação decorreu com êxito total



Cerimónia no campo de batalha. O general Alexander condecora com a Ordem do Banho o tenente-general Anders, comandante das forças polacas que tão valorosamente combateram na frente de Cassino, ao lado dos ingleses



O Rei em França. Jorge VI visitou no dia 16 de Junho o campo de batalha da Normândia, onde condecorou numerosos oficiais e soldados ingleses por actos de bravura. Ei-lo, depois de ser concedida a medalha militar a um cabo britânico



O general e os jornalistas. Montgomery, em França, explicando aos representantes da Imprensa a marcha vitoriosa das operações



Heróis da guerra. As gigantescas barcaças de invasão despejam, constantemente, nas praias francesas, homens e material de guerra. Alguns dos primeiros homens que desembarcaram na Normândia ficaram feridos e é com o orgulho do dever cumprido que voltam a pisar o solo da Inglaterra



Os chefes americanos. Num «jeep» anfíbio, os generalíssimos Marshall e Eisenhower e o almirante King, nos primeiros dias do desembarque, visitam as suas tropas

A LIBERTAÇÃO DA EUROPA



Campos de minas. Os soldados das Nações Unidas avançam para a frente de batalha através deste caminho limitado por fitas brancas, que já se encontra limpo de explosivos



A aviação domina. As colunas blindadas de Kesselring são implacavelmente destruídas nas estradas de Itália pela aviação inglesa. Alguns destes veículos abrigaram-se numa vala, mas foram, como os outros, alvejados pela metralha



A libertação da Europa. A tripulação de uma coluna de tanks ingleses descansando no intervalo de dois combates. Repare-se como já em território francês se encontram poderosos blindados



A caminho de Cherburgo. Este engenho foi apreendido aos alemães na área de Carentan pelas tropas americanas



Um valente *comando*, dos primeiros a desembarcarem em França, que foi ligeiramente ferido, entre as enfermeiras que o trataram



As rosas das mulheres romanas aos heroicos soldados ingleses

As americanas e as inglesas também atravessam o Canal, a bordo de aviões que ali vão buscar feridos — e para cada um há uma flor — e refugiados civis. Duas graciosas yankees dos serviços aéreos

ELAS E A GUERRA

HOUVE um tempo em que se dizia que as populações dos países ocupados estavam com os invasores. Se assim fôsse, o nobre sentimento do patriotismo nunca teria existido no coração dos povos. Por toda a parte, onde as tropas anglo-americanas chegam, o entusiasmo é indescritível, tanto nas cidades de Itália, como nas aldeias da França.

As mulheres, sobretudo, manifestam com veemente alegria o seu júbilo. As flores que as romanas ofereceram aos soldados libertadores são iguais às que as camponesas normandas entregaram aos soldados de Eisenhower e Montgomery.

Em tôdas as bocas há um sorriso de vitória, uma efusão de simpatia, um sentimento de felicidade!



O avanço americano na Normandia culminou em Cherburgo. Quando eles e os ingleses passam, a população saúda-os enternecidamente



Alemães capturados em França

PRISIONEIRO



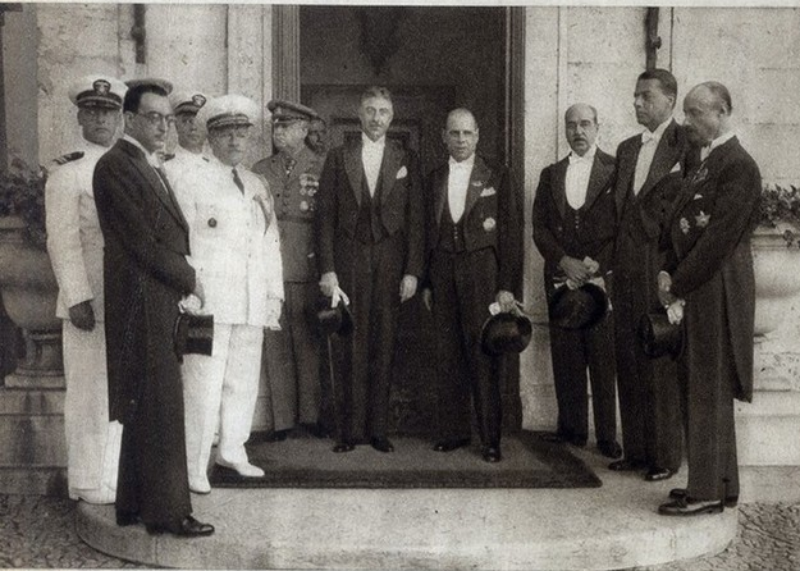
Oficiais e soldados nazis, aprisionados na Normandia, desembarcaram em Inglaterra e vão para um campo de concentração

As grandes barcaças transportam constantemente material para a Normandia. →

FIGURAS E FACTOS



Os srs. Presidente da República e Ministro da Educação inaugurando a Exposição Canina, no Jardim Zoológico



O sr. Henry Norweb, embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, saindo do Palácio de Belém onde foi entregar as suas credenciais ao Chefe do Estado



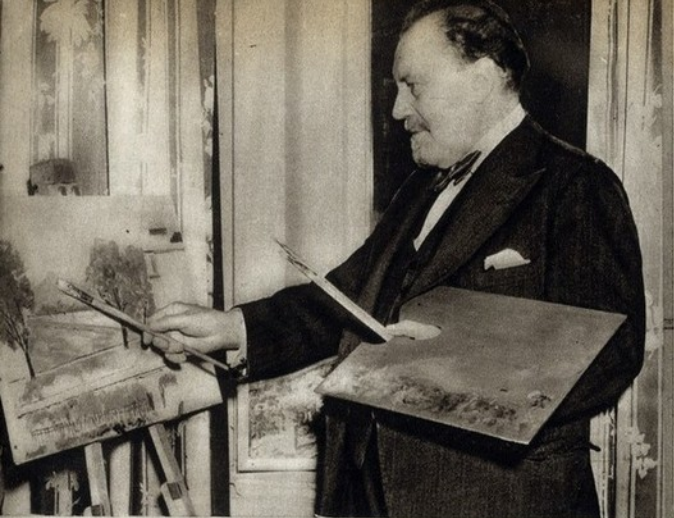
O sr. embaixador dos Estados Unidos entregando a Legião de Mérito, em nome do seu governo, ao coronel Solborg, adido militar e aeronáutico



O sr. general Carmona na festa de encerramento do ano escolar no Instituto de Odivelas, entregando os prémios às alunas



O sr. Michael Stewart, que até há pouco exercera as funções do adido de Imprensa na embaixada britânica em Lisboa, na festa de despedida que ofereceu no hotel Aviz



Sir Henry Wood não é apenas um dos mais notáveis chefes de orquestra do mundo; ele é também um grande pintor paisagista

UM GRANDE CHEFE DE ORQUESTRA

por Hugo Wordham

SIR HENRY WOOD, o célebre chefe de orquestra, foi, recentemente, alvo de uma homenagem sem precedentes na Inglaterra. As três principais orquestras do País — a Orquestra Sinfônica de Londres, a Filarmônica e a Orquestra da B. B. C. — reuniram-se no grande estrado de Albert Hall, sob a direcção de três chefes de orquestra, além de Sir Henry Wood. A receita, que se elevou a cerca de 10.000 libras, destinou-se a um Fundo criado por iniciativa de Sir Henry Wood, com o qual será construída, em Londres, uma nova sala de concertos.

Esta homenagem comemorava o 50.º aniversário dos célebres "Concerts-Promenades", ao mesmo tempo que o 75.º do homem que revelou um dos mais notáveis aspectos da vida musical britânica.

Foi em 10 de Agosto de 1894 que se realizou, no Queen's Hall, de Londres, o primeiro "Concert-Promenade". O nome — mais tarde encurtado para o de "Proms"

— ficou a dever-se ao facto das cadeiras terem sido retradas, podendo o público, que escutava a orquestra e pagara à entrada apenas um shilling, passear durante os intervalos. Também era permitido fumar, mas pedia-se aos auditores que se abstivessem de acender os cigarros durante a execução das peças.

O programa escolhido pelo Sr. Henry J. Wood, (ê ele ainda não possuía, nesse tempo, o "Sir") para o concerto inaugural, nada tinha de transcendente. Nem uma sinfonia, nem um concerto, e muito de obras que não faziam grande diferença das que se escutam, habitualmente, nos cafés-concertos. Entre outras, havia "L'Appel du Uhlan", de Eilenberg, e uma fantasia sobre a "Carmen".

Mas o chefe de orquestra, que tinha, então, 25 anos, sabia muito bem o que fazia: êle não tinha apenas um plano quinquenal — êle tinha um de 25 anos, mas guardava-o para si. Êle não queria surpreender e esmagar o pú-

(Continua na pág. 30)



Ê-lo dirigindo um dos seus «proms». Nunca pessoa alguma o viu subir para o estrado sem um cravo branco na botoeira da casaca



Um aspecto imponente de Alberto Hall — 8.000 pessoas! — quando na grande plataforma se ouviram as três primeiras orquestras sinfônicas inglesas para homenagear Sir Henry Wood



Admiráveis fotografias reproduzindo conhecidas grandezas monumentais, deixam extasiados todos os visitantes do pavilhão dos aliados



Uma maquete relêvo, do mesmo pavilhão, na qual se vê como a R. A. F. atacou a estação do caminho de ferro que se erguia perto da famosa catedral de Colônia, poupando, porém, inteiramente o monumento

Sonho de uma noite de verão

A Feira Popular, simpática e generosa iniciativa do "Século", é das mais admiráveis que, no seu género, se têm tentado ultimamente entre nós. É já lugar comum esta afirmação. Mas um lugar comum que nada tem de vulgar — pois há lugares comuns que são a afirmativa de qualquer coisa admirável. Neste caso, toda a gente, sem sombra de exagero, o proclama: — maravilhosa obra de iniciativa é a Feira Popular.

Num dos recintos mais aprazíveis e de maiores tradições, todas as noites milhares e milhares de pessoas, têm oportunidade de se certificar do que afirmamos.

Dentre tantas demonstrações de beleza e de profundo interesse, de quadros impressionantes, e de tantas inovações, devem ser citados o Pavilhão anglo-americano e a perfeita realização do "Mundo em chamas", nos quais o público não se cansa de admirar as múltiplas fases da guerra na terra, no ar e no mar. Essa viva reprodução fotográfica das mais emocionantes cenas de heroísmo, que tem coberto de glória os soldados das Nações Unidas, é a primeira vez que se patenteia entre nós.

Soldados que vitoriosamente avançam, navios que despejam centenas de salvas alvejando os campos inimigos ou navios que se arriscam a sulcar os mares vigiados pelas poderosas unidades das marinhas de guerra aliadas; cenas de paraquedistas, actos indómitos de desembarque; acções individuais de bravura — tudo, tudo, ali se exhibe e prende e domina de comoção o espectador.

E a visão é tão viva, tão exacta, que não se assiste ao desenrolar dessas variadas cenas sem um frémito arripante. Quasi não se acredita que tanta verdade possa ser reproduzida de tão fielmente, através de maravilhosos processos de arte.

(Continua na página 28)



A fachada do stand anglo-americano revela fino gosto arquitectónico nas suas linhas sóbrias e elegantes



Os soldados americanos, sob o comando superior do general Montgomery e Clark desembarcam em Itália em Setembro de 1943, durante a campanha para Roma. O que aqui se representa, primeira vez para a história de Itália e Itália

Uma visão do desembarque dos soldados de Montgomery e de Clark, na Itália



Partida de um poderoso «combóio», com tropas e material, para a maior operação militar da História — a invasão da Europa ocupada — que se pode admirar no pavilhão do «Mundo em Chamas»



Uma evocação cenográfica do ataque às Ilhas Salomão, efectuado por forças norte-americanas, que se patenteia no «Mundo em Chamas»

CORES CLARAS EM HONRA DO SOL

Os estampados são garridos como jardins... como jardins zoológicos tal é a abundância de animalitos que os decoram. Ainda há dias vi uma senhora género jarrão, tôda coberta de elefantes, desde o pesçoço aos joelhos. E a senhora não era nada magra, nada siltide, não, de modo que... era bicharia a mais, francamente...

Mas as raparigas ficam muito engraçadas, carregadinhas de castelos e praias, de batuques, balões e autos.

O feilto mais em voga para os estampados de cores claras é o saia-e-casaco com a aba em fôrma e mais curta.

Motivos de *lingerie*, alguns *drapés* no corpo e na frente, pinças fazendo o busto cingido, saias de fantasia vária com blusas finas e femininas como espuma.

Nos chapéus só tons claros, também: rosa, azul, verde e muito amarelo, nos três tons do momento: amêndoa, banana e limão. Feilto predominante: a *cloche* aberta, isto é, bastante erguida na frente, de modo a deixar ver a testa e a pôpa.

Sacas e sapatos brancos, em profusão. Estes, os mais elegantes, têm a



biqueira e um bocadito atrás em castanho ou em azul escuro, o que é distinto com vestido a dizer.

Ausência de meias? Sim, de manhã. De tarde não as dispense. Olhe que de 100 homens há só 10 que não desgostam de ver a perna nua. S6 10.

AGASALHOS DE VERÃO

○ casaco branco, solto.

○ casaco côr de areia, ou grêge ou beige ou natural com o *empiècement* firmando tôda a roda que daí parte para baixo.

Quimonos para as mangas fílicas. *Écharpes* que cobrem tôda a parte dianteira dos vestidos e envolvem o pesçoço.

Casaquitos de malha com bolsos bordados em *parquet*.

Casulas — sem mangas, portanto.

Pélerines só para os ombros — sobre vestidos estampados são forradas do mesmo tecido.

Boleros com mangas muito drapeadas.

Largos casacos escoceses. Pelos de verão para agasalho são: *Ventre de petit gris arminho* e os bichos pequeninos, tais como a *marta* e o *putois*.



Não lembram as nossas chitas tão coloridas e tão simples? São, porém, dois modelos do famoso «Harper's Bazaar»

PAGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

PERGUNTAS E RESPOSTAS

— Sou alta e magra. Mas gostava de ter um vestido de noite em musselina rosa. Como hei-de fazê-lo?

— Todo plissado. Apenas o *empiècement* será liso, a prender os ombros. Cinto largo. Manga vasta com pequenino punho a prender a roda. Gola redonda, bem rente ao pesçoço. Por baixo, combinação que chegue também ao chão.

— Tenho manchas de fígado, no rosto. Nem o creme as tapa.

— Mas tapa o *pan-cake*. No entanto, como seca um pouco a a pele, tôdas as noites ou lava a cara com água e sabonete ou tira tôda a maquillagem com um creme próprio, gorduroso.



Que dizem vossas excelências a estes outros dois modelos do «Harper's Bazaar» para as tardes mais frias?

Um gracioso chapéu de palha, prêto, com franja da mesma cor e fita azul e branca

COMO O MUNDO SOUBE



Grandes concentrações de forças e de material pejavam as estradas e os campos da Grã-Bretanha, na famosa madrugada de 6 de Junho de 1944, data que ficará a vibrar como um clarim, na história do mundo



A vitoriosa armada de desembarque protegida por uma grandiosa frota aérea — o tapete de Tedder — dirige-se para o velho continente



Churchill, o grande paladino da liberdade da Europa e o combatente n.º 1 contra a Alemanha, no dia «D» — o seu dia, — dirige-se ao Parlamento, aonde vai comunicar que principiou a invasão



O dr. Brabner, do Ministério das Informações, com a fleugma de sempre, anuncia aos correspondentes de guerra dos jornais estrangeiros, em Londres, que as tropas das Nações Unidas já pisam o solo



Em Londres, a multidão arrancava àvidamente, das mãos dos vendedores, os jornais que lhe davam a notícia há tanto desejada. A invasão era um facto!



Swing
rally

APA

UM PERFUME MODERNO

Sistemas de julgar

A FILOSOFIA, ciência eterna que pretende interpretar e explicar os fenômenos da existência e do indivíduo, está cheia de palavras.

Cada filósofo esclarece o seu sistema, segundo o modo próprio de ser pessoal.

O erro, quanto a nós, que não somos pensadores, está em atribuir às multidões as particularidades do indivíduo. Este vive ou imagina uma existência íntima. Contrariamente, as multidões não têm pensamento próprio, pois agem em obediência a acontecimentos fortuitos.

Daf provém a conflito entre o indivíduo e as fórmulas coletivas mais ou menos dogmáticas. Claro, que há quem pense exactamente o contrário. Ou a Filosofia não fôsse um campo de contradições — o que justifica o optimismo e o pessimismo.

O grande pensador inglês Grierson, afirmou que o optimismo nunca produziu um profeta, e que em nossos dias um optimista pode ser equiparado a um homem que reside num paraíso de loucos do qual não há meio de sair; um pessimista a um homem que se dispõe para as exigências do futuro por todos os meios desentranhados pela engenhosidade da imaginação humana.

Dêsse sentido interpretativo concluiu o referido pensador que Salomão teria sido o primeiro poeta pessimista com poder real, originalidade e distinção.

Mas os conceitos de filosofia tornam-se intermináveis e, quasi sempre, insolúveis como a própria vida. Pois se há centenas de livros de filosofia escritos no intuito de esclarecer sentimentos e idéias ainda inaparecentes!

Escritores de barba e graça

PARECE que as barbas longas e brancas são para alguns escritores inspiradoras de bons ditos. Noutros tempos esse atributo capilar «inspirava respeito e infundia simpatia» como o poeta nos fez acreditar há um bom par de anos.

Mas, não. Hoje ninguém duvida da graça dos respeitáveis barbudos.

As barbas de Shaw são um símbolo de sarcasmo, e as de Tristan Bernard, salpicadas de chistes, riem do que parece venerável.

Ainda não há muito o último ironista deu a um imberbe conferencista o seguinte conselho:

— Olhe, não se esqueça, ao terminar a conferência, de saudar respeitosamente o público e retirar-se em bico de pés.

— Em bico de pés, porquê?

— Ora porque há-de ser! Para não acordar ninguém — esclareceu o velho escritor.

Espelhos imperfeitos

NÃO há memória — nós pelo menos ainda não demos fé — de qualquer pessoa lisonjeada nas páginas de um romance, de uma novela ou de um simples artigo, se dirigir ao autor a agradecer-lhe a alusão que se ajusta à sua psicologia ou à sua integridade moral. É até capaz de conceber este juízo íntimo: talvez isto não seja comigo. Há tanta gente bondosa e inteligente que, decerto, o autor nem pensou em mim!...

Mas se o caso se dá de maneira diversa, isto é, se o autor alude a qualquer pulhastro ou cretinóide, aparecem vários indivíduos e supõem que a referência contida na passagem do escrito lhe diz respeito.

Será que o homem egoísta nem mesmo ao seu semelhante concede a imagem das suas imperfeições?

ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

Modos de agradecer

HÁ uma recente questão que, por vezes, toma aspectos incompreensíveis e um todo nada ingratos. Para ela não nos parece fácil, por parte dos elogiados, encontrar justificação inteligente.

Qualquer e indeterminado literatejante de nova fornada assim que recebe a consagração lisonjeadora de um favor nos jornais, vá de começar a desancar os generosos periodistas como se estes houvessem contribuído com os seus elogios para a inutilidade dos labores literários da «ilustre promessa das letras».

Ora os míseros jornalistas, que passam a vida a alcinhar detalhada o primeiro bichonete que aparece na gazeta recomendada, não esperam agradecimentos dos prometedores poetas. Contudo, seria de rudimentar compreensão que os louvaminhados não chamassem aos jornalistas aquilo que estes, por decôr ou exigência profissional, não dizem nos jornais de certos génios espontâneos.

Para meditar

O grande romancista inglês H. G. Wells, num dos seus últimos livros publicados, faz esta declaração que é digna de sobre ela se meditar.

«Qualquer desempregado britânico ou americano, vivendo da sua subvenção e que leia a abundante literatura de qualquer biblioteca pública, pode, se tiver curiosidade, adquirir conhecimentos de biologia moderna, das modernas tendências do pensamento e das modernas maneiras de viver, incomparavelmente maiores do que a bagagem científica de qualquer «grande homem».

UM MUNDO À PARTE

O teatro é um mundo de ficções. O dito bem podia, sem desdouro, ser atribuído ao saudável conselheiro Acácio. Que de ilusões; de sentimentos, de raivazinhas, de coisas ínfimas e de grandezas, rastejam e esvoaçam em volta do teatro! As paixões tomam aspectos de exacerbadas irrealidades, as vaidades incham como a rã da fábula, e os próprios actos generosos não parecem dêste mundo.

Na vida prosaica de todos os dias surgem, por vezes, de mistura com o grosseiro, casos que prendem e fascinam a imaginação do homem. Mas a magia da vida cénica é contínuo. Talvez por isso, as virtudes e as misérias do tablado são fontes inesgotáveis de que se tecem romances trágicos e farsas hilariantes. O próprio teatro empresta temas para obras que, não obstante o convencionalismo da cena, são tomados por reais.

Não duvidem disto os pundonorosos moralistas: até a virtude quando ali floresce surge mais bela vista através da ilusão...

As obras dramáticas mais virtuosas são as que nos desvendam o mistério oculto atrás do mundo que está para além do outro de papéis pintados — e do qual o espectador não se apercebe.

Como queriam, porém, que o teatro não fôsse diverso, incerto, multiforme, se, contrariando a sentença conhecida, o teatro é a própria vida? E ainda ninguém, a não ser por distração, oculto a existência como um «facto» calmo, geométrico e inalterável, semelhante a um lago tranqüilo à hora morta do sol-pôr.

Se um grande comediante dá à figura realidade de sentimentos, logo proclamam que «aquilo» não é representar — é viver.

Dessa contradição se concluiu que «representar» é viver e viver é representar.

Por isso a existência e o mundo à parte que é o teatro são análogos. Numa e noutro a conformidade é evidente. Há os que desempenham mal o seu drama e os que são hábeis e aplaudidos por suas meritórias aptidões dissimuladoras.

Um conselho

DISSE um célebre pensador inglês que os autores que padecem de «nervos», e que subsistem de alimentos que acirram os nervos, são dignos de comensação.

Se muitos escritores portugueses conhecessem esta máxima, seriam mais calmos e comedidos quando alguém fala deles ou eles se ocupam historicamente de si.

Ao sabor da época

A FIRMOU um crítico esclarecido que o teatro é a pedra de toque das modalidades e emoções contemporâneas e das ambições sociais. Enquanto uma «music-hall» é o barómetro para as tempestades políticas, um teatro é um termómetro para as modalidades sociais.

A «music-hall» é a síntese dos costumes, hábitos e pensar de toda a gente e de uma época em que o bom senso não intervem.

É a melhor maneira, diz-nos o crítico em questão, de numerosas pessoas, cansadas de expedientes, se esquivarem ao trabalho.

Esta opinião que, mais ou menos assim, foi formulada pelo aludido crítico há umas dezenas de anos, ainda hoje tem evidente realidade. Certos aspectos da vida têm o condão de nos lembrar sentenças que, embora ditas há muito, ainda teimam em persistir.



Paisagem multicolor de anêmonas

PASSEIO NA VARZEA

DE GUEDES DE AMORIM

CHEGARAM a meio da manhã a Sintra. Visitaram o palácio, na vila, e Monserrate, depois. Almoçaram com excelente apetite. À sobremesa, risonha e feliz, Maria Armanda, trincando um sabroso pedaço da região, confessava nunca ter comido fruta assim tão agradável. José Américo admirava-a, com vaidade e uma ponta de tristeza, também. Como estava bonita, a sua Armanda! Dois anos passados na sua ausência e recebendo só a sua visita de quinze dias, por um quarto de hora apenas, como que a tinham embelesado a seus olhos. Sim; a Maria Armanda estava mais mulher e, por isso, mais sedutora. Transpirava beleza e alegria. No dia anterior, ao ir esperá-lo à porta da prisão, recebera-o, emocionada, com os olhos raios de lágrimas. Agora, ciente de que não o perderia mais, o coração trasbordava-lhe de felicidade.

O criado, ao servir-lhes o café, pediu licença para perguntar:

— V. Ex.^{as} ficam esta tarde em Sintra?

Como José Américo olhasse o homem, sem saber que responder, Armanda disse:

— Talvez.

— Então, minha senhora, não deixem de visitar Colares. A estrada está cheia de flores. Vão gostar muito.

Acertaram a sugestão do criado. Na porta do hotel, por um instante, hesitaram entre utilizar um «táxi» ou uma tipóia. Armanda foi quem decidiu por fim:

— Vamos em carro de cavalos. É mais romântico, não é?

José Américo concordou. Tinha decidido que esse era o último dia que passava na companhia da amante, e, por isso, em vez de contrariá-la, queria obedecer-lhe em tudo num derradeiro tetesmunho de amor e gratidão.

— Que engraçado! — confessou ela. — Como estou contente, meu José!

O carro, deixando para trás as casas da vila, seguia numa estrada ensombrecida e silenciosa. Aqui e ali, de um e doutro lado, surgiam curiosas vivendas, muitas delas cingidas por pequenos jardins ou por parques

frondosos. Saboreava-se frescura e quietude, num convite ao sonho e à evasão. Apenas o bater certo das patas dos cavalos espalhava em torno um ruído monótono, que não chegava a aborrecer, contudo. Armanda encostou a cabeça ao ombro de José Américo e, vencida por agradável sonolência, ficou a sonhar...

José Américo meditava, uma vez mais, nas consequências do seu regresso à liberdade. Era preciso recomençar a luta pela existência. O seu curso de engenheiro, tanto dentro como fora da pátria, abria-lhe as portas das possibilidades de trabalho. Não era isso que o preocupava, de resto. O que o torturava era a dúvida que no seu coração se havia levantado sobre a firme durabilidade do amor de Maria Armanda. Depois do acontecido, continuaria ela, realmente, a amá-lo sem quaisquer reservas ou restrições? Por motivos de orgulho profissional ferido, na fábrica de que era um dos directores técnicos, José Américo havia disparado dois tiros sobre uma colega. Não o matara, mas o caso tomara proporções muito feias... Condenado, lá estivera a ferros, dois anos. Tinha retornado a liberdade no dia anterior. E, agora? Agora, naquele passeio, sentia-se amantanhado pela dívida intensamente dramática de que aquela rapariga, que levava ali a seu lado, não o podia amar com a mesma pureza incondicional de outrora.

Entravam na estrada de Colares. Dum e doutro lado, entendiam-se intermináveis passeiras de flores. Passavam homens e mulheres, saiois da terra, que cumprimentavam o cocheiro: «Adeus, ó Perfeitão! Boas-tardes, ó Perfeitão!» Interrompendo o assóbio, o homenzinho respondia a todos. Via-se que era querido e muito admirado por ali. José Américo invejava-o e, mentalmente, comparava-o consigo mesmo, sentindo-se bem mais infeliz e deságrado, em alegria pelo menos. Falou-lhe:

— Você deve ser feliz. Toda a gente o cumprimenta.

O Perfeitão voltou-se, mostrando-se na cara magra e engelhada um sorriso de satisfação:

— Feliz, eu? Viva! Saiba V. Ex.^{as}

que vivo. Todos me cumprimentam todos cumprimento, também. Creio que é essa a obrigação de todo o filho de Deus.

— E, gosta da sua profissão?
— Ah! Se gosto da minha profissão! Gosto e também percebo disto. Olhe, V. Ex.^{as}: Em Sintra e Colares, sou mesmo chamado o melhor cocheiro do mundo!

Pôs-se a falar aos cavalos. José Américo pensava, de si para consigo, como uma elevada situação social, como a sua, não significava quasi nunca motivo de alegria de existir. Aquele Perfeitão, apesar da sua passada humildade, era um homem bem mais venturoso que qualquer milionário. Perguntou-lhe:

— Você não tem nada que o contrarie, pois não?

— Eu? Aborrecimentos? Olhe, V. Ex.^{as}: Tenho um filho paralítico, em tratamento, lá em Lisboa. Já vê V. Ex.^{as}...

José Américo nada opôs. Afinal, por detrás da alegria visível podem passar muitas vezes, desconhecidas nuvens de tristeza e angústia... Maria Armanda acabava de entreabrir os olhos. E, ao ver a estrada ladeada de flores, soltou um grito de alegria:

— Vou apanhar um ramo!
Perfeitão parou o carro. E, gentil,

(Continua na página seguinte)

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

(Continuação da página 23)

O público, pode dizer-se sem exagero, fica absolutamente maravilhado com o que pode facilmente observar no Pavilhão Anglo-Americano e no "Mundo em chamas". Se, no primeiro, o documentário da riqueza e da sumptuosidade arquitectónicas de Londres, Nova York, Washington, prende num êxtase contemplativo o espectador; no "Mundo em chamas", espectáculo impressionante da guerra em diversas frentes, é um relato iconográfico que, pela verdade, mantém em permanente vibração o público.

A certeza do agrado é tal que este dístico afixado em qualquer ponto do Pavilhão, traduz no seu ar humorístico, uma verdade demonstrada pelo público. O referido dizer é este: — O "público gosta tanto que só paga à saída".

Propositadamente, deixamos para este lugar, não por desatenção mas por justo relevo, a obra cenográfica e decorativa realizada no Pavilhão do "Mundo em chamas", pelo artista Mergulhão. Sem recorreremos ao costumeado cortejo de adjectivos cansados, o trabalho do ilustre artista pode, com justiça, ser classificado de muito belo.

CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE



M'CAMPOS

Academia
Científica
de Beleza

AVEN. DA LIBERDADE, 35
TELEF. 2 1866 — LISBOA



Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTO DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

É vendida em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA





O Grande Churchill, com o General Montgomery, no campo de batalha da segunda frente

PASSEIO NA VARZEA

(Conclusão da pág. anterior)

desceu também, ajudando Armanda. Dentro em pouco, a tipoia, inundada de flores, retomava a marcha.

— Estás contente, amor? — perguntou Armanda encostando os lábios ao ouvido dele.

— E, tu?

— Feliz, como nunca!

Beijavam-se. O cocheiro, que nesse momento ia voltar-se, para dizer qualquer coisa, optou por trautear uma canção de amor. José Américo sorriu. Armanda declarou risonha:

— Tu és a minha felicidade completa!

Chegados a Colares, Perfeitão foi dessedentar os bichos e, por seu turno, molhar a guela, também. José Américo e Maria Armanda entraram numa casa de chá, pequenina e florida como uma saleta de boneca, cujas janelas se debruçavam sobre o mar.

— O paraíso está aqui — confessou ela. — Está aqui, porque te tenho a meu lado...

Fazendo um esforço sobre si mesmo, José Américo tornou-se loquaz. Era esse o último passeio, o último dia que passava com aquela linda rapariga, sua namorada durante o tempo de estudante, e, por fim, roubada de casa dos pais em certa noite... Tinha que a deixar. Tinha que se ir embora, pois assim o mandava o destino. Era torturante, insuportável mesmo, aquela desconfinça que se havia aninhado no peito sobre a incerteza do amor de Armanda. Depois do sucedido, ela já não podia gostar dele como dantes. Não tinha motivos concretos para assim pensar, mas aquela dúvida teimosa era pior que a pior das evidências. Sabia que a Armada lhe fôra fiel durante os dois anos da trágica ausência. Visitara-o, todos os quinze dias, sem uma única falta, garantindo e confirmando-lhe o seu grande e inalterável amor. Porém, nada disto conseguia delir a sua obstinada e dolorosíssima dúvida. Por isso, tinham que separar-se. Quando chegassem a Lisboa e por muito que lhe custasse, dir-lhe-ia tudo.

Voltaram a Sintra ao começo do crepúsculo. Na estrada, a tipoia cruzava-se com gente do campo, que regressava a suas casas a cantar. Todos cumprimentaram o cocheiro: «Adeus, ó Perfeitão! Até amanhã Perfeitão!» Armanda pôs-se a cantar baixinho. Como era feliz e venturosa! O per-

fume das flores que levam no carro, como o dos que atapetavam as bermas das estradas, embriagava-os. O José Américo seguia calado, escondendo a sua tristeza. Que pena, que desgraça aquela dúvida que o perseguia! Ah! Como seria bom esquecer o passado e voltar atrás e ser de novo feliz. O destino, com todo o seu peso misterioso, não permitia, porém. Não lhe restava outra solução senão submeter-se-lhe.

De súbito, o Perfeitão, que também dava largas à sua alegria através dumacção, voltou-se e perguntou a José Américo:

— V. Ex.^a não gosta de cantar?

— Não tenho motivo para tanto...

— Ah! Então, é por que não tem tristezas no peito...

— E, você?

— Eu!

Armanda acompanhava o diálogo com alegria. O cocheiro, após um instante, atirou:

— Pois eu já matei um homem, ainda sei cantar.

— Você, Perfeitão? Você matou um homem?

— Sim, excelência. Foi em legítima defesa... Salvou-me para a vida e para o trabalho a certeza de que, apesar de tudo, minha mulher continuava a gostar de mim.

Fez-se um silêncio. As mãos dos amantes apertaram-se fortemente. Então, foi Armanda quem disse baixinho:

— Também se isso houvesse sucedido, eu continuaria a gostar de ti como sempre gostei.

Nos olhos de José Américo apareceram lágrimas. Uma enorme alegria acabava de lhe entrar no peito, levando-lhe a teimosa dúvida. A confissão do cocheiro havia feito um milagre, devolvendo-lhe a confiança cega no amor de Maria Armanda.

Entraram em Sintra quando se acendiam as luzes das ruas.

— E, se ficássemos esta noite aqui, meu José? Sinto-me cansada e feliz.

— Pois sim, amor. Também me sinto muito feliz!

Saltei com os dez primeiros paraquedistas

(Continuação da pág. 2)

Antes que tenhamos tempo de voltar, de Latour enviar-nos-á um sinal vermelho a indicar que o desembarque foi coroado de êxito: este será o seu primeiro trabalho. Dentro de alguns minutos, outros grupos de homens aterrarão nos campos, próximo do castelo, onde um perigoso grupinho de alemães estará em doces sonhos navegando.

Os nazis dispõem de uma bateria que pode bater as praias. É preciso reduzi-la ao silêncio antes que as barcas de desembarque se aproximem. Esta é a principal missão deste grupo de paraquedistas. Depois, defenderão a posição com unhas e dentes até que cheguem as forças desembarcadas por mar.

Os homens que não devessem realizar esse temeroso assalto aguardam o momento com calma surpreendente.

Os pilotos que nos conduzem deviam estar hoje de licença. As coisas complicaram-se e a licença afinal tem de ser gosada sobre a França.

O DIA "D"

(Continuação da pág. 8)

14 polegadas do veterano «Warspite» faziam-se ouvir anunciando a presença de navios de linha na esqua-

dra de invasão. As barcas tinham-se aproximado das praias. Os «tommies» foram os primeiros a desembarcar com as suas armas ligeiras. A sua decisão era inabalável e sentiam-se protegidos por um poder material invencível.

Quando, às 6 horas em ponto, as baterias costeiras do inimigo abriram fogo estavam já a descarregar os primeiros «tanks» que barcas especiais haviam transportado. Ao longo de todo o litoral viam-se as chamas atear pelo ataque aéreo que se prolongara ao longo da noite inteira.

Meia hora depois, a dez quilómetros da costa, em frente do pequeno porto de Couesmes, a esquadra de invasão aguardava a ordem de despejar a sua carga preciosa. O tempo mostrava tendência para piorar. Depois dos canhões pesados do «Warspite» eram as peças dos contra-torpedeiros que se ouvia distintamente. As barcas, com o material pesado, passavam incessantemente. Nas torres dos «tanks» os tripulantes faziam a sua última sédução.

As sete e meia, sob fogo infernal, o grosso das forças de desembarque e do equipamento pesado começa a chegar a terra. Os homens saltavam rapidamente. Os «tanks» eram descarregados com uma rapidez idêntica. Nas praias os primeiros vultos iam-se transformando na massa densa do exército da libertação. À sua retaguarda a esquadra fazia calar as baterias costeiras. Sobre as suas cabeças o ruído dos motores e o clamor das descargas davam a noção



— A D.ª F., coitada, ainda não deixou a cadeira. Convide-a lá.

— O quê... Uma senhora de cabelos brancos? Até parecia mal.


OS cabelos brancos impõem veneração, mas uma mulher formosa e jovem ainda desejaria e mereceria inspirar sentimentos menos distantes. Os rapazes nada perdoam, e este convidado, um tanto cínico, chegou a dizer o que todos pensam. Com a sua beleza, elegância, e situação social, a baronesa de M. que ainda não tem 36 anos, não devem faltar admiradores. E, no entanto, sabe-se que os cavalheiros não a procuram e que, até nas reuniões e festas mundanas, fica sempre tristemente isolada.

Se a baronesa tivesse podido ouvir a resposta daquele rapaz talvez percebesse esta dura verdade: uma mulher de cabelo grisalho já não é uma mulher e teria pedido ao cabeleireiro para a colocar novamente na categoria das que têm jús às homenagens dos cavalheiros. À sua volta senhoras de mais idade conservam uma estranha juventude porque o seu cabelo, graças à tinteira IMÉDIA-OREAL, conservou a cor natural ou foi recolorando a mesma cor mais quente, mais viva, que dá à sua beleza uma originalidade que marca.

Porque teima conservar os seus cabelos brancos que são a sua infelicidade? Porque não aproveita os processos assombrosos de que dispõem as mulheres de hoje para aparentar eternamente 30 anos? Discreta e infalivelmente IMÉDIA-OREAL imita a natureza com toda a fidelidade, dando ao cabelo o seu aspecto natural, a sua maciez e finura.

REQUISITE a competente documentação a l'OREAL, RUA d'ASSUNÇÃO, 88-2.º — LISBOA; ser-lhe-á enviada gratuita e discretamente, sem compromisso. A tinta IMÉDIA pode ser aplicada por todo o cabeleireiro.

Composição: Mentholum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. Lanolinum Anhydricum 16 grs.



BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS

Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1ª classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

A venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00.

real dada proteção que o inimigo não contestava.

Em duas horas entre os primeiros tiros dos cruzadores britânicos e o desembarque do equipamento pesado desenrolava-se a parte mais difícil da operação. Esta era, certamente, a maior de que a história rezava. Com a onda dos efectivos desembarcados era a onda ininterrupta do material que não cessava de ser despejado nas praias. A operação fora admiravelmente preparada. A batalha ia começar.

Um grande chefe de orquestra

(Continuação da pág. 21)

blico com um programa completamente clássico. "Festina lente" — era necessário ir devagar!

Ao fim de dez anos, ele conseguiu obter um duplo resultado: tinha, definitivamente, estabelecido os "Proms" como o grande acontecimento musical da época de verão e dava, já, verdadeiros concertos sinfónicos. Mas fez mais ainda.

Hoje, Tchaikowsky é tão popular na Inglaterra que a sua música quasi se tornou banal. Não era assim há quarenta anos. Nessa época, nenhum chefe de orquestra inglês colocaria o compositor russo ao lado dos grandes mestres. Quasi toda a gente e, particularmente, os críticos, julgavam-no barulhento e vulgar. Mas, Sir Henry Wood não era desses. Ele formara, já, um juízo exacto sobre Tchaikowsky — aquêle juízo que a posteridade havia de rectificar — e executava, continuamente, as suas sinfonias e suas obras de menor envergadura. O resultado foi que, hoje, todas as sema-

Quereis ganhar dinheiro?

A N U N C I A I N O

MUNDO GRÁFICO

A melhor revista gráfica portuguesa

Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa
Telefone 2 5240

nas, nos "Proms" há uma noite dedicada à música russa. Sibelius é outro compositor que Sir Henry Wood distinguiu nos últimos quarenta anos.

Depois, as terças-feiras tornaram-se as noites russas e as quintas-feiras as noites anglo-francesas.

Mais tarde, quando Sir Henry Wood julgou que tornara suficientemente populares Bach, Tchaikowsky e Beethoven, alargou o seu domínio. Nos últimos anos antes da guerra, os "concerts-promenades" de terça-feira foram dedicados a Haydn e Mozart e os de quinta-feira à música britânica antiga e moderna.

AS BICHAS

(Continuação da pág. 9)

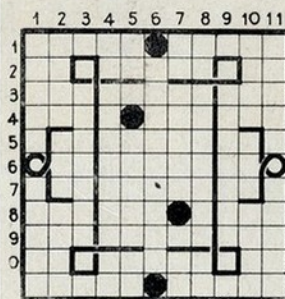
demonstração de força que as Nações Unidas realizaram etc.

Entreteno, aumentam as «bichas» dos que voluntariamente se alistam nos vários serviços auxiliares, em que as mulheres têm desempenhado tão importante papel; e as das bombas que, com bilhete de «ida sem volta», viajam para a Europa ocupada a bordo dos aviões da R. A. F.

Pacientemente, a Grã-Bretanha esperou na «bicha» das Nações Unidas, em que tomou o lugar dianteiro, que lhe dessem as ferramentas que o Sr. Churchill um dia pediu, para que ela pudesse acabar de cumprir a missão de que se incumbiu nesta guerra. Chegou já a sua vez; e assim, por todos os cantos as suas tropas são à «bicha» para conseguirem a vitória final que já lhes sorri — primeiro, na Europa; e depois, no Extremo Oriente que, numa outra «bicha», ocupa o segundo lugar.

E agora, por falar em «bichas» vou pôr ponto final nesta pequena crónica, para ir entrar na «bicha» que a toda a hora se mantém junto dos microfones da BBC, onde locutores de quasi todas as nacionalidades vão informando os seus respectivos países, de como é que as Nações Unidas procuram dar a todo o mundo aquilo de que tanto carece: o bem-estar e a justiça — ou seja uma espécie de «saude e bichas».

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 90

HORIZONTAIS

- 1 — Amparo; Terminio.
- 2 — Observa; Antigo povo da Campânia; Vização.
- 3 — Agora; Encontrar; Pronome pessoal;
- 4 — Grande porção; Pronome pessoal; Conheço.
- 5 — Caminhar; Jogo de bola, de origem inglesa, em terreno adequado e dividido por uma rede; A ti.
- 6 — Ande; Recipientes em que se recolhem os votos nas eleições; Graça.
- 7 — Gemido; Ave semelhante ao papagaio; Carta de jogar.
- 8 — Certa; Ofereço; Sofrimento.
- 9 — Calamidade; Debruar; Composição poética.
- 10 — Prefixo que designa repetição; Mealhinho; Artigo (pl.).
- 11 — Desta maneira; Um dos vinte Estados da República do Brasil.

VERTICAIS

- 1 — Cidade e capital de um dos distritos de Portugal; Dança brasileira.

- 2 — Causo; Planta l biada; Advérbio de quantidade.
- 3 — Aglomeração de povo em ocasião de festa.
- 4 — Compaixão; Processado; Nome de uma letra grega.
- 5 — Pertences; Peregrinação; Preposição.
- 6 — MAJOR GENERAL COMANDANTE DA 14.ª FORÇA AÉREA DOS ESTADOS-UNIDOS, NA INDIA, CHINA E BIRMANIA, QUE DIRIGIU O RECENTE E EFÍZAZ ATAQUE A TÓQUIO E OUTROS OBJECTIVOS DO JAPÃO.
- 7 — Preposição e artigo; Confederar; Língua românica que se falava entre o Loire e os Pirinéus.
- 8 — Símbolo químico do cézio; Sobressair; Pronome reflexo.
- 9 — Supedâneo.
- 10 — Cidade da Suíça, à beira do Reno; Aqui está; Perfume.
- 11 — Verbais; Cativa.



Solução do problema n.º 89

SEJA PRÁTICO E ECONÓMICO

viage na C. P.

Informações: em todas as estações da C. P. — em Lisboa: no Serv. do Tráfego — TELEFONE 2 4031 — no Porto: na estação de S. Bento — TEL. 1 722



Com NIVEA ao ar e ao sol. Proteja a sua pele defendendo-a das queimaduras do sol. Conseguirá um bonito tom moreno e um aspecto como o dos desportistas. A sua pele fica flexível e não seca.

Todos podem gozar as delicias da praia e do sol! Porém, esse prazer deve ser antecedido da defeza da pele com Creme ou Oleo Nivea, que diminui o perigo das dolorosas queimaduras de sol, dando-lhe um aspecto saudavel.



Pestana, Bichro & Fernandes, Lda.
39, Rua S. Bento, Lisboa



B. B. C.

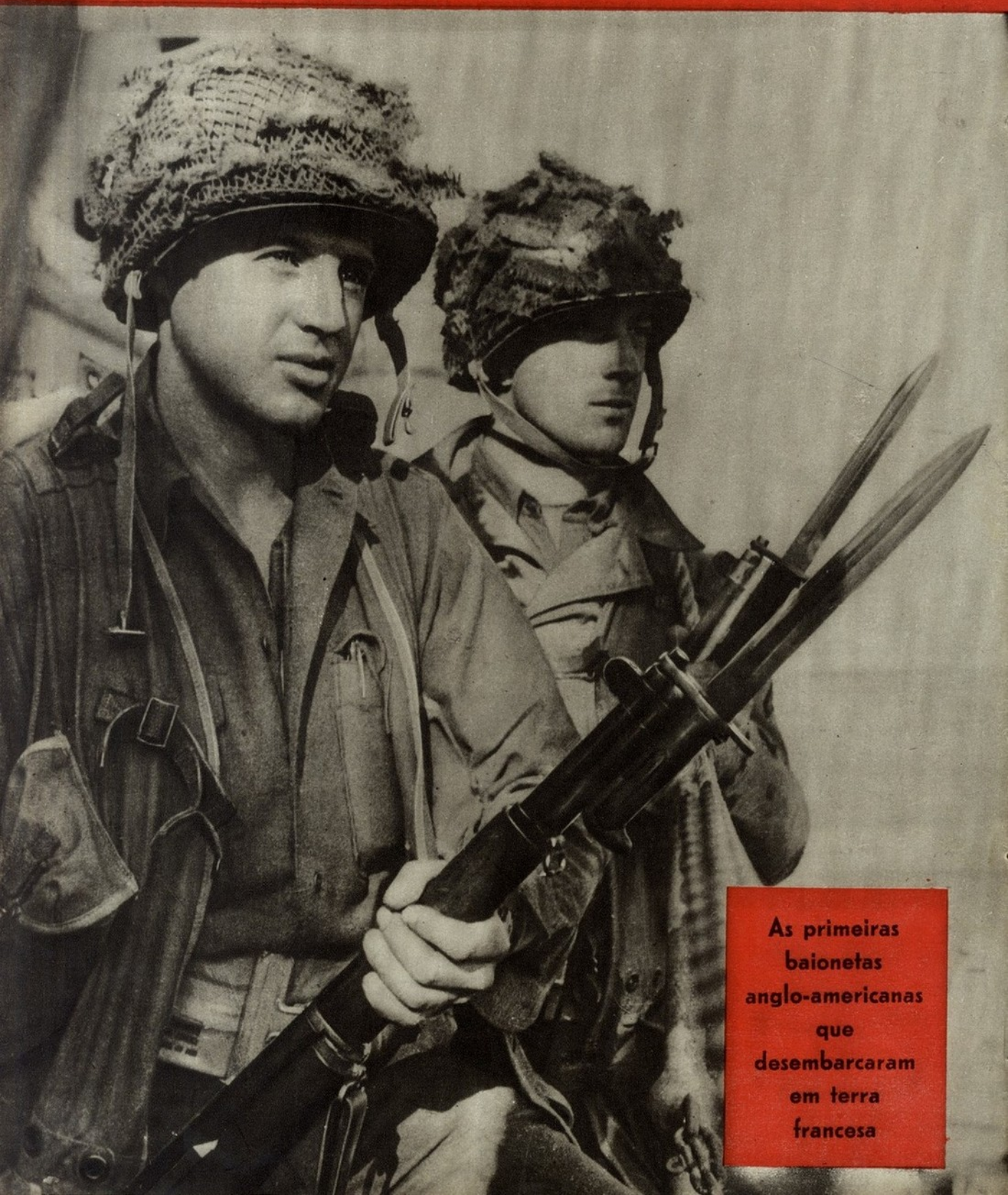
A VOZ DE LONDRES FALA E O MUNDO ACREDITA

EMISSÕES EM LINGUA PORTUGUESA

09.45-10.00 - Notícias	19.30-19.45 - Notícias
49.92 m. 6.01 mc/s	41.96 m.
41.96 m. 7.15 mc/s	31.61 m.
31.61 m. 9.49 mc/s	31.41 m.
31.41 m. 9.55 mc/s	19.76 m.
25.42 m. 11.80 mc/s	*
19.76 m. 15.18 mc/s	19.45-20.00 - A Voz da América
	41.96 m.
*	31.61 m.
14.15-14.45 Notícias e Actualidades	31.41 m.
	19.76 m.
49.92 m.	*
41.96 m.	22.15-22.45 - Notícias e Actualidades
31.61 m.	
31.41 m.	41.96 m.
25.42 m.	31.61 m.
19.76 m.	31.41 m.
16.79 m. 17.81 mc/s	19.76 m.

HOME AND FORCES PROGRAMME — Publicam-se, semanalmente, no «RÁDIO NACIONAL» e no «ANGLO PORTUGUESE NEWS», programas seleccionados dos Serviços Nacionais da B. B. C.

MUNDO GRÁFICO



As primeiras
baionetas
anglo-americanas
que
desembarcaram
em terra
francesa